

DIÁRIO DE VIAGEM

A CHAVE ENCONTRADA. TOLEDO, SEGOVIA E ÁVILA

Clemente Corona



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

#DescubreSefarad

WWW.REDJUDERIAS.ORG



Clemente Corona

Clemente Corona é um jornalista de Madrid que publicou mais de 20 guias de viagem de todo o mundo, o e-book *Los galgos grises: crónica de un viaje por los Estados Unidos* e tem colaborado em meios de comunicação nacionais (Esquire, Harper's Bazaar, Grazia, Shopping & Style, Savia) e internacionais (Monocle, Excelsior, La Tribuna, Top Magazine), além de ter sido redator-chefe de revistas como ClubCultura ou Miss Esquire, diretor editorial da revista e do website Viajeros Barceló e responsável máximo dos websites oficiais de alguns dos mais destacados criadores em língua espanhola.

A sua carreira profissional está ligada ao marketing e comunicação há mais de 20 anos, nos quais ocupou cargos de direção em empresas como a Fnac España ou Barceló Viajes, e atualmente dirige o TGV Lab, uma agência de marcas e conteúdos especializada em Turismo que, desde 2012, tem desenvolvido ações e estratégias de marketing para organismos de promoção turística e empresas como a Deutsche Bahn AG, VisitBritain ou Grupo Barceló, e que conta com as suas próprias plataformas de conteúdo e venda B2C.

Diário de Viagem. A chave encontrada. Toledo, Segovia e Ávila.

Edita: Red de Juderías de España. Plaza de Maimónides, s/n. 14004 Córdoba (España), www.redjuderias.org.
Todos os direitos reservados.

DIÁRIO DE VIAGEM

A CHAVE ENCONTRADA. TOLEDO, SEGOVIA E ÁVILA

Clemente Corona

No mapa de Espanha do século XIX que está pendurado no meu escritório, traço com os meus olhos uma linha que une Toledo, Segovia e Ávila, três lugares telúricos que enchem a boca ao pronunciar os seus nomes e fazem vibrar os cinco sentidos. Toca-se, cheira-se, prova-se, ouve-se e, claro, vê-se, com uma clareza evidente como em poucos lugares, que se os países, os povoados, os territórios – risque-se o que se queira – se incorporam, fazem-no assim: peremptoriamente, com pedra, com silêncio e quietude, com céus limpos, com receitas antigas e mantendo os mesmos caminhos - iluminados pelo mesmo sol e sob o mesmo azul, emoldurados pelo mesmo perfil urbano - pelos quais andavam os povos de Toledo, Segovia e Ávila de há seis séculos; o mesmo caminho que foram obrigados a percorrer, há mais de cinco séculos e para todo o sempre, todos eles - irmãos, compatriotas: nós mesmos, sem omissões - só por serem judeus.

Quem viaja, procura, e quem procura, encontra; e eu, que me encontro melhor caminhando por lugares que não conheço, aprendendo o que não sei, pisando onde não estive, procuro nesta viagem por Sefarad aprender mais sobre o meu país e observar alguns dos seus lugares através de um prisma que nunca utilizei antes. Espera-me uma viagem na qual encontrarei imagens de vida que se emaranham e crescem, como a hera, em ruas e vielas empedradas das judiarias das capitais castelhanas, que reclamam o que foram - motivo de orgulho, centros de sabedoria, o melhor do nosso país - sob a forma de sinagogas, sítios arqueológicos, de sabores de receitas sefarditas antigas ou reinventadas; de simples placas e museus coquetos, de casas antigas que acolhem talentos, de documentos que, preto no branco, falam. Tudo fala nas nossas judiarias a quem quer ouvir: e a chave da lenda que abre os portões é hoje empunhada pela nossa curiosidade e pela nossa busca de identidade, porque onde a chave está pendurada – o património, a gastronomia, a cultura - sempre esteve ali. Mesmo que não se tenha querido, sabido ou podido ver.



TOLEDO

Atravesso a rotunda que me separa da Puerta de la Bisagra de manhã cedo, e faço-o prestando atenção ao seu Arco de Triunfo, desenhado por Covarrubias para a maior glória de Carlos V e Filipe II, mas sobretudo ao trânsito que, nesta manhã de Toledo, no calor da meseta de agosto, é tão intenso como de costume. Atravesso a Puerta del Sol e caminho rodeando os contornos da judiaria de Toledo, na qual entro pelo Corral de la Campana vagueando até atravessar Zocodover.

Caminho por baixo das paredes de ladrilho adornadas com gerânios e sinalética das ruelas da judiaria, que em Toledo desenha a mesma linha de ruas que há seis séculos atrás. Mesmo em agosto, Toledo oferece-me lapsos de quietude que me fazem viajar atrás no tempo: a sensação estival e a sombra reconfortante que projeta a parede ladrilhada num largo troço de rua não seria muito diferente da que sentiria qualquer um dos habitantes desta aljama, que chegou a ser a maior da Europa, nessa Toledo mítica das três culturas. O mercado hebraico foi erguido no que viria a ser este mosteiro de San Juan de los Reyes que pesponta este limite da judiaria, a Calle de los Reyes Católicos, onde também se encontra a Escuela de Artes y Oficios de Toledo neo-Mudejar, que não me interessa, porque respondo ao chamado do arco medieval da Calle del Ángel, que me abre a rota para a Cava Baja, e através da qual subo, fugindo às alunas que publicam imagens da Escola no seu Snapchat. Adossada ao arco onde começa a rua está uma casa judaica, atravessada por cabos telefónicos negros como alcatrão, postes e sinais de trânsito que insistem em estragar as minhas fotografias.

Desço às fundações da sinagoga de Sofer, escavada debaixo da praça, onde a água desce até desaparecer no subsolo, e comovo-me perante o pequeno memorial em honra aos cidadãos de Toledo assassinados pelos nazis nos campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Memorial, extermínio, ruínas de fundações, água que cai no subsolo: como não considerar o paralelismo, involuntário, com Nova Iorque.

Um pouco mais tarde, entro na joia da judiaria de Toledo, a sinagoga de Santa María la Blanca. A emoção que sinto é tão forte como a primeira vez que a visitei: a luz, o branco, os volumes, a simetria, as dimensões, até mesmo Covarrubias, atingem-me para gritar que a basílica é uma obra-prima retumbante e incontestável da arquitetura, mas também do sentimento. Coloco os joelhos no chão para conseguir uma melhor fotografia: não me canso de fotografar e menos ainda de contemplar as fugas de luz do branco e dourado dos arcos em ferradura, acariciados pelos rasgos de sol diretos que penetram da porta da basílica, e dos intrincados ninhos de vespas dos seus capitéis.

“

A maravilhosa Sinagoga de El Tránsito - talvez o maior e melhor exemplo da arquitetura sefardita da Europa - que foi construída em meados do século XIV por Samuel Ha-Leví, grande rabino da aljama de Segovia e tesoureiro do Rei Pedro I.

”

Cá fora o sol intensifica-se com um não-sei-quê punitivo, e partilho com turistas russos e norte-americanos a sombra da entrada do Museu Sefardita, a maravilhosa Sinagoga de El Tránsito - talvez o maior e melhor exemplo da arquitetura sefardita da Europa -, que foi construída em meados do século XIV por Samuel Ha-Leví, grande rabino da aljama de Segovia e tesoureiro do Rei Pedro I, que viveu no que é hoje o Museu Casa del Greco até que o rei o mandou prender e torturar.

O Museu, que foi outrora o oratório, guarda todo o tipo de objetos relacionados com a vida quotidiana dos judeus da cidade (e de toda a Sefarad); mas é no pátio norte, no pequeno Jardim da Memória, onde alguns de nós turistas nos reconfortamos do calor à sombra das suas densas árvores enquanto nos deixamos levar por devaneios, embalados pela visão de lápides - e onde, duas vezes por dia, se recria um Jardim Sonoro, uma recriação auditiva de sons da judiaria medieval - enquanto, do outro lado do muro, Toledo continua o seu ritmo pausado de agosto - uma carrinha de distribuição, uma moto, uma mãe a repreender o seu filho... Refaço os meus passos e procuro o sossego e a frescura do La Dehesa de Majazul, um restaurante ao lado da basílica, onde recupero as minhas forças com queijo e vinho kosher e revejo as imagens da minha máquina fotográfica, refaço as minhas notas, deixo a tarde cair sobre mim. Subo, não desço, a Bajada de los Descalzos, e sou o único neste início de tarde a fazê-lo: o palácio de Fuensalida irradia fogo em direção à praça, e escondo-me na rua del Taller del Moro, à sombra do Museu. Refugio-me - quase como abrigo - num bar qualquer, sob o jorro do aparelho de ar condicionado, até sentir que Toledo se espreguiça, e eu com ela.

“

“Deparo-me com a porta renascentista del Cambrón, a “Puerta de los Judíos”: acaba-se a judiaria, mas não Toledo, que resplandece como sempre, como deve, como o tesouro que é”.

”

Agora, sim: vagueio pelo coração da cidade, que é o da judiaria, tiro fotografias aqui e ali, subo e desço as mesmas ruas, parando por um lintel, uma grade, uma placa na parede, e a figueira que espreita por detrás da parede daquele curral, preenche este beco sem saída com o seu perfume, onde muros de adobe coexistem com outros de betão polido e perfeição quase clínica: outra metáfora do passado e do presente que ainda não é futuro, da fusão do velho e do novo, do ido e do porvir, que tão bem lhe assenta a Toledo. Quando me apercebo, o sol já se enfiou por alguma ruela, para só sair no dia seguinte, e deparo-me com a porta renascentista del Cambrón, a “Puerta de los Judíos”: acaba-se a judiaria, mas não Toledo, que resplandece como sempre, como deve, como o tesouro que é, desde o outro lado da Ponte de San Martín.





SEGOVIA

Nenhum dia pode ser um mau dia para um viajante se ele o iniciar contemplando como a primeira luz da manhã acaricia o Aqueduto de Segovia. Caminho ao longo da Calle Juan Bravo a caminho da Calle de la Judería Vieja, onde chego, mas não sem antes parar em frente à igreja de San Martín e, claro, ao portão que dá acesso à igreja das Clarissas do convento del Corpus Christi.

Atravesso o seu arco gótico e cruzo o pátio empedrado, mas não entro - não me deixam tirar fotografias, e já o sei - e escuto diante da sua porta, Laura, a pessoa que me acompanhará hoje no meu passeio pela judiaria de Segovia, que me diz que em tempos foi a Sinagoga Mayor da que foi uma das maiores judiarias de Sefarad, e que foi também, é, um exemplo perfeito de uma cidade medieval: não havia diferenças entre os métodos de construção de cristãos e judeus para além de pequenos detalhes decorativos, e além disso as casas de ambos eram em grande medida propriedade da Catedral da cidade, que, após a expulsão e as guerras comunitárias, ergueu o seu novo templo sobre o que foram muitas delas.

Passeamos por esta rua da Judería Vieja (Judiaria Velha) e Laura diz-me que estas ruas estreitas, que hoje são altamente valorizadas no mercado imobiliário local, estiveram durante muito tempo abandonadas, negligenciadas, com fachadas cujo reboco caía na rua deixando à vista os muros e os lintéis de ladrilho expostos, com séculos de idade, sem que ninguém se importasse.

Escuto e não dou crédito: passear por estas ruas é andar por ruas maravilhosamente restauradas: 97% do número total das casas da Judiaria foram intervencionadas e reabilitadas nos últimos anos.

Paramos na esquina da rua de la Judería Vieja com a rua de la Puerta de Sol, numa das esquinas do imponente palácio de Abraham Senneor, um alto funcionário dos Reis Católicos que construiu esta robusta e imensa mansão castelhana - pois é castelhana: paredes grossas, de ladrilho e de cofragem como as que rodeiam as casas de um povoado de Valladolid - que alberga o imprescindível Centro Didáctico de la Judería, um pequeno museu com vista para um pátio interior do palácio e onde, esta manhã, soam canções sefarditas e explicações em hebraico moderno por um guia a um grupo de turistas. Muito perto está a que se crê, ser a única casa judaica em todo a Judiaria que se conserva com a distribuição com a qual foi construída nalgum momento da Idade Média, um edifício estreito, de quatro pisos, entre paredes divisórias com uma fachada cor albero e um belo esgrafito que é mais do que parece à primeira vista.



97% do número total de casas da Judiaria foram intervencionadas e reabilitadas nos últimos anos.



É, sim, uma oficina de cerâmica - como a sua porta anuncia - onde se amassam e vendem obras de barro, mas é, acima de tudo, um farol com um faroleiro: um faroleiro que amassa, esculpe, escreve... Ignacio, este faroleiro, recebe-me entre figuras de barro que representam ofícios da cidade e conduz-me ao último andar, onde se encontra o seu estúdio. Ignacio é ceramista e escritor, um animador da cena cultural de Segovia e um passeante: fala-me de um livro seu sobre uma terra minha, a de Pinares, e o seu estúdio é um camarote repleto do que um estúdio de autor deve ter: uma certa mistura de utensílios de escrita, um portátil com alguns anos e muitas páginas que repousam sobre a mesa de uma máquina de costura Singer, livros em estantes pregadas com esquadros às paredes centenárias, bugigangas... Despeço-me, a pensar que poucos usos melhores se podem dar a esta casa judia, com as suas claraboias, degraus irregulares e paredes espessas, do que ser, mais do que um monumento vivo, um farol com um faroleiro.

Alguns minutos depois, a poucos metros de distância, numa dependência austera da catedral onde se respira devoção pelo estudo e o património, Boni coloca diante de mim um pergaminho do século XIV que apenas me atrevo a olhar por medo de que se desintegre enquanto me explica rapidamente a evolução da judiaria. Olho para a caligrafia medieval de 1302, clara e definida, com a mesma ignorância com que olharia para os mares da lua, e Boni - que me parece, diante do pergaminho, mais entomólogo do que doutor em história medieval - decifra as variegadas palavras, que falam de heranças, pagamentos e dívidas saldadas. O senhorio sabia tudo sobre os seus inquilinos: as rendas que pagavam os judeus de Segovia à Catedral estão registadas nos Libros de Pitanzas, que são apenas uma parte dos tesouros contidos nos mais de quatrocentos metros deste Arquivo da Catedral, que guarda, como em nenhum outro lugar, a história escrita da judiaria de Segovia.

“

O cemitério judeu de Segovia, um belo fossário que domina a cidade e que começou a ser escavado no final do século XIX.

”



Seis anos de trabalho rigoroso e respeitoso estão por trás da La Casa Mudéjar, um hotel termal que é muito mais do que aquilo que pode parecer a um transeunte distraído ou a um viajante que cai num website de reservas. Raquel, a sua proprietária, conta-me, com a clareza de detalhes que vem do orgulho de um trabalho bem feito, as vicissitudes que passaram desde que a sua família adquiriu o edificio Mudéjar, cuja história perde-se no tempo e que se encontrava praticamente em ruínas, até deixá-lo no estado em que se encontra hoje: uma maravilha pela qual pulsa muito do espírito da judiaria de Segovia. Anos de obras e muito trabalho durante os quais foram descobertos inclusivamente termas romanas - os restos romanos mais importantes da cidade depois do Aqueduto -, a única parte visitável do fosso celta que protegia Segovia na época pré-romana, ou uma das maiores cisternas da cidade: uma autêntica viagem pela história da cidade que Raquel narra apaixonadamente, sob os tetos acaixotados mudéjares originais que decoram os salões do hotel. Desfrutamos de uma requintada amostra de receitas sefarditas com toques contemporâneos servidos no seu restaurante, e descansamos e revemos o que vimos antes de embarcar na última etapa da minha grande viagem pela judiaria de Segovia, uma última etapa que a foi literalmente para muitos: a empreendida pelos cortejos fúnebres desde o interior da judiaria até ao cemitério judeu de Segovia, um belo fossário que domina a cidade e que começou a ser escavado no final do século XIX.

O trajeto que desde a praça del Corpus Christi conduz até ele, é idêntico ao que se realizava naquela época, e fazemo-lo acompanhados por quase o mesmo perfil urbano que se erguia no século XV. Atravessamos a Puerta de San Andrés em direção extramuros, até ao que se conheceu durante séculos como El Pinarillo, a encosta esquerda do rio Clamores, em frente ao troço de muralha entre a Casa del Sol - que foi o matadouro da judiaria e hoje o Museu de Segovia - e o Postigo de la Luna. Atravessamos uma bucólica esplanada regada pelo rio, cheia de salgueiros, olmos, choupos, acácias, onde se vê algum casal a beijar-se, algum passeante que caminha a pensar nas suas coisas, e atravessamos o curso do rio, atravessando a ponte de La Estrella em direção ao caminho em pendente que é conhecido há séculos como o caminho de Los Hoyos e que nos leva aos dois conjuntos de túmulos - 26 câmaras hipogeias e cerca de cinquenta sepulcros - escavados na encosta. Todos eles estão orientados com a cabeça a oeste e os pés a este, virados para Jerusalém. Não creio que haja um lugar de onde Segovia resplandeça tão bela, tão esplêndida, tão pura: e acho difícil imaginar, neste entardecer de verão, que esta encosta fosse uma terra de lágrimas, de separação. Os anos apagam tudo: tudo, exceto a rocha de onde se talharam as covas que guardam os nichos, e que acolheram os túmulos: ela perdura, porque faz parte de Segovia, do seu carácter.





ÁVILA

Ávila é adusta, quer neve ou brilhe o sol. É a luz branca, fria como a manhã da montanha, que faz com que os habitantes de Ávila se passem pela cidade vestidos com casacos técnicos e peçam - e eu, com eles - café com leite quente nas esplanadas da praça del Mercado Grande, adornada pela igreja de San Pedro.

Um belíssimo templo românico que se infiltra na minha crónica por ter acolhido o julgamento dos sefarditas envolvidos no caso do Santo Niño de La Guardia - e no qual, no melhor estilo da Inquisição da época, se acusou sem fundamento a um grupo de judeus e convertidos que subsequentemente morreram queimados por terem cometido um homicídio ritual do qual nunca houve denúncia, nem um desaparecimento, nem um corpo, nem nada. Agora, um pai tira fotografias aos seus filhos em frente à fachada do templo, e riem, e continuam o seu caminho: e isso parece-me bem, é como deve ser. Termino o meu café e caminho paralelamente à muralha até chegar à Basílica de San Vicente, um dos maiores e melhores templos românicos de toda a Espanha, onde diz a tradição, está enterrado um mestre judeu, que, após converter-se, construiu no século IV a igreja original sobre a qual se ergue a atual. A manhã está fria, e por isso somos poucos os que caminhamos em silêncio pela basílica; há mais gente à porta do Alcázar (Alcácer), a tirar fotografias e selfies com a estátua de Santa Teresa de Jesús ou, intramuros, segurando pelo ombro a estátua de Alfonso Suárez.

Os turistas fazem fila para entrar na Catedral, mas eu dirijo-me para a praça del Mercado Chico, limite da judiaria de Ávila, onde existiram muitas lojas e oficinas geridas por judeus e que foi o coração de uma judiaria da qual hoje só restam provas documentais, alguns elementos arquitetónicos isolados e, isso sim, o mapa urbano, um labirinto de ruas e vielas que desce até ao Adaja.

Estou na rua de los Reyes Católicos. Aprecio o paradoxo porque esta rua foi, de longe, e com o nome de Calle de Andrín, a mais importante da judiaria de Ávila: logo no início da rua estava a sinagoga de Belforad, sobre a qual foi construída a atual capela de Nuestra Señora de las Nieves e, no beco, por onde se entrava na Casa del Rabino anexa à sinagoga, está - nesse mesmo local - a Hospedería de la Sinagoga.



Tem um par de janelas abertas e o ar faz oscilar as suas cortinas: bato à porta sem sucesso, por isso retraço os meus passos e começo a andar pela rua, cheia de lojas ancoradas nalgum momento do século passado: queijarias, bares com empregados de mesa de gravata de laço, lojas de ferragens, lojas de costura com montras cheias de pijamas de tergal, um restaurante onde Alberto cozinha velhas receitas sefarditas... A judiaria de Ávila não tem a imponência arquitetónica da de Segovia ou a azáfama da de Toledo, é mais íntima: as casas são construções castelhanas modestas de um piso - muitas delas sobre a mesma planta que as casas judaicas que ocuparam essas parcelas - salpicadas por currais, por algum edifício urbanístico de meados do século passado e, de quando em quando, de algum tesouro, como a igreja de San Esteban ou o arco de ladrilho afilado que percorre a fachada de uma casa na rua del Pocillo e que é de uma sinagoga de meados do século XV.

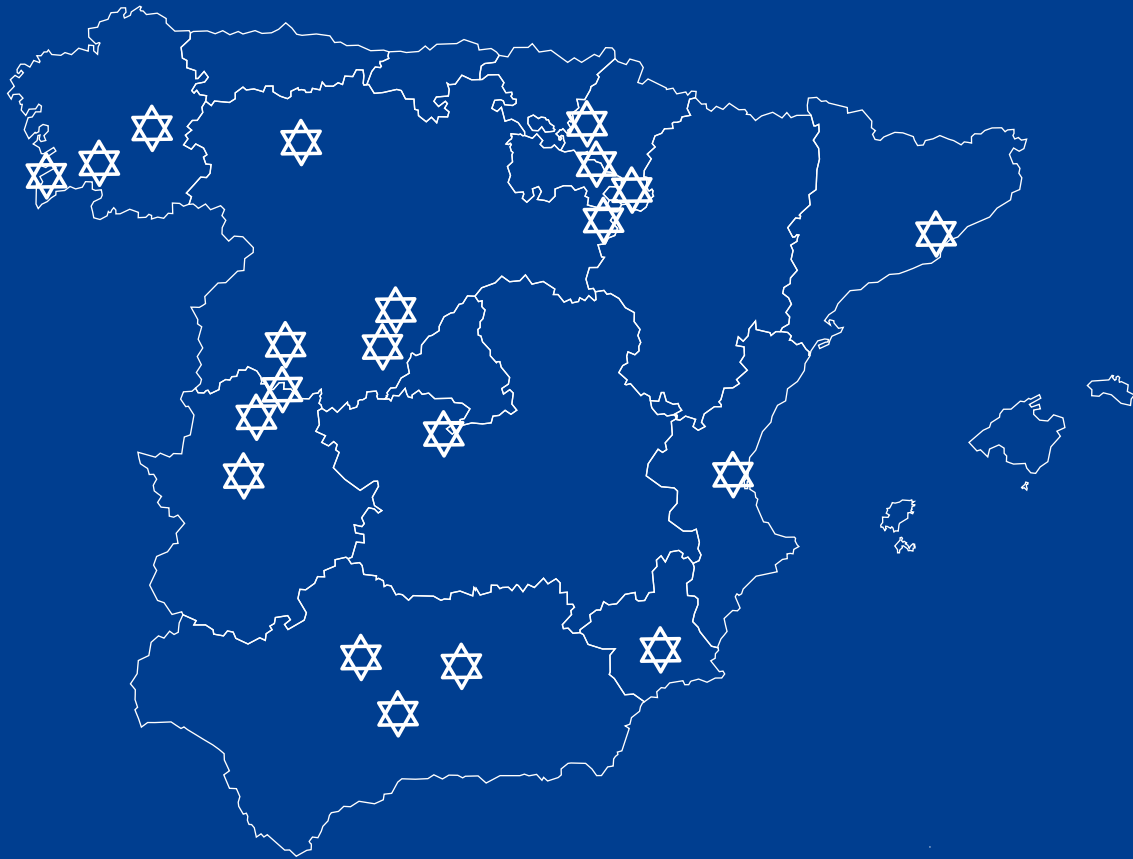
Ou as Tenerías, extramuros, escavadas. A judiaria de Ávila, hoje, é isso: memórias, detalhes, lascas. Foi a isso que ficou reduzida, tal como a nossa identidade, amputada. Refletiu sobre isso no paraíso de paz que é o jardim de Moshé de León, o autor do Livro do Esplendor, um dos grandes místicos de Ávila. “Há momentos em que as almas no Jardim sobem e alcançam a porta do céu...”. A porta que tenho diante de mim é a de la Malaventura, a que dava acesso direto à Judiaria e que, agora sim, emoldura um céu cálido - azul puro e claro - que é também essência de Castela, como o é o espírito de Moshé de León, como o é a herança sefardita. E é então, em silêncio e quietude, que me dei conta que encontrei o que procurava. Encontrei a chave, e abro a porta, e deixo-a aberta para que entrem o ar e a luz do sol, e quem quiser passar acompanhando-os. Como chegou a ser, como deve ser.

“

A judiaria de Ávila não tem a imponência arquitetónica da de Segovia ou a azáfama da de Toledo, é mais íntima: as casas são construções castelhanas modestas de um piso.

”





ÁVILA . BARCELONA . BÉJAR . CÁCERES . CALAHORRA . CÓRDOBA .
ESTELLA-LIZARRA . HERVÁS . JAÉN . LEÓN . LORCA . LUCENA . MONFORTE
DE LEMOS . PLASENCIA . RIBADAVIA . SAGUNTO . SEGOVIA . TARAZONA .
TOLEDO . TUDELA . TUI



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

redjuderias.org
descubresefarad.com
descubridores@redjuderias.org

